

Assessores do presidente decidiram impedir a entrada dos índios em Porto Seguro depois que pataxós se recusaram a participar de solenidade oficial



Oficial da PM justificou o uso da força para barrar a passagem de manifestantes dizendo que o objetivo era impedir um “confronto de índios com sem-terra”

NO DISCURSO, FHC DEFENDE EXCLUÍDOS

Marcos Savini
Enviado especial

Porto Seguro (BA) — Enquanto índios e sem-terra apanhavam da Polícia Militar, o presidente Fernando Henrique Cardoso fazia, a 13 km dali, uma rápida menção às “vozes dos excluídos” nestes 500 anos de descobrimento. “Elas anunciam que chegou o momento de virar a página da exclusão na história do Brasil”, dizia. Porém, já na noite anterior,

estava decidido que a marcha indígena estava excluída das festividades de Porto Seguro.

A decisão de impedir a realização da marcha aconteceu depois de os índios terem recusado, durante a Conferência dos Povos e Organizações Indígenas, a subir até a Cidade Alta — parte histórica de Porto Seguro — para um encontro oficial com o presidente. Em conversa com José Dirceu, presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, Marcelo Cor-

deiro, assessor especial do presidente para os 500 anos, avisou que não aceitaria, em hipótese alguma, que os índios chegassem à praia das Pitangueiras, aos pés da Cidade Alta.

A recusa dos índios fez o presidente desistir de ir a Coroa Vermelha, local onde foi rezada a primeira missa do Brasil, hoje uma reserva indígena pataxó. Em represália, o governo parecia determinado a obrigar índios, negros e sem-terra a não saírem de lá em direção a Porto Seguro.

Documentação

Class. 1982

DATA 23/4/2000

PÁG. 13

ONTO

DOCUMENTAL

CB

PEDIDO DE DESCULPAS

À meia-noite de sexta-feira, o bispo Tomás Balduino e a senadora Marina Silva (PT-AC) foram até a barreira montada pela Polícia Militar na saída de Eunápolis, a 60 km de Porto Seguro. Lá, sem sucesso, tentaram liberar cerca de 20 ônibus lotados de manifestantes. Seis deles com membros do PT. Não adiantou: o coronel Santana, da PM da Bahia, afirmou que eles infringiam uma lei estadual, sem dizer que lei era essa.

Pela manhã, quando a repressão aos manifestantes já havia iniciado, o comandante da operação, coronel Müller, avisou que não haveria negociação sem a presença de autoridades federais. Como elas não apareceram, os índios tentaram em vão passar pelas barreiras. Os soldados não pouparam ninguém e uma das bombas de gás lacrimogênio foi parar aos pés da senadora Marina Silva.

Para José Dirceu, que também correu da polícia depois de fracassadas as negociações, a repressão foi "um ato de ilegalidade total que vem da época da ditadura". Segundo o tenente-coronel Cristóvão Rios, chefe da Casa Militar da Bahia, a ação da polícia aconteceu para "impedir a desordem pública". "Nossa preocupação era que os sem-terra não entrassem em confronto com os índios", chegou a dizer.

Em entrevista, ao lado do presidente de Portugal, Jorge Sampaio, o presidente Fernando Henrique Cardoso justificou a ação da PM dizendo que ela aconteceu "para evitar que impedissem outras manifestações democráticas". O único evento que acontecia naquela mesma hora era exatamente o encontro do presidente brasileiro com seu colega português.

Fernando Henrique chegou cercado de seguranças enquanto cerca de 200 jornalistas eram impedidos de deixar a sala de conferências do hotel Vela Branca, ao lado da cidade histórica de Porto Seguro. Inconformado, um grupo de jornalistas e fotógrafos sentou-se no chão e cantou o hino nacional. Na entrevista, os jornalistas voltaram a cantar o hino, acompanhados pelo próprio presidente. "Se houve excessos, me desculpem", disse Fernando Henrique.

O presidente também comentou a recusa dos 3 mil índios em se encontrarem com ele. "Eu fui convidado pelos pataxós. Só não fui a Coroa Vermelha porque eles retiraram o convite depois de uma manipulação política", disse o presidente, fazendo uma referência implícita ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e às próprias organizações indígenas. Dos 3.200 índios credenciados para o encontro, menos de 100 queriam falar com FHC. (MS)